

FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO

---

*Dr. Ramalho*

# ELÍSIO DE MOURA

LIVRARIA ACADÉMICA  
MOURA MARQUES & FILHO  
19, Largo Miguel Bombarda, 25  
COIMBRA





ARTIGOS DE MOURA

---

Separata da «COIMBRA MÉDICA» — vol. XIV, n.º 8 — Outubro, 1947

---

FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO

---

# ELÍSIO DE MOURA



INSTITUTO DE ESTUDOS DE COIMBRA  
JOÃO DE CARVALHO

AC  
MNCF  
92  
RIB

LIVRARIA ACADÉMICA  
MOURA MARQUES & FILHO  
19, Largo Miguel Bombarda, 25  
COIMBRA





*A saudosa e respeitada memória*

DE

DONA CELESTINA DE ARAÚJO  
SALGADO ZENHA DE AZEVEDO  
E MOURA





AGVIA, NÃO DESÇAS

( Ex-libris de

*«A vida do coração»,*

*por Duarte Lima)*





PROFESSOR DOUTOR ELÍSIO DE MOURA

*(Fot. de Rasteiro)*



## ELÍSIO DE MOURA

Nos fins do ano de 1902, a Faculdade de Medicina de Coimbra enriquecia o seu corpo docente com a entrada de cinco novos professores; eles, após cursos largamente demonstrativos da sua grande valia como escolares, haveriam de, pelo tempo fora, revelar-se, correspondentemente, Mestres de primeira grandeza. O mais moço, então de 25 anos, era o Doutor ELÍSIO DE AZEVEDO E MOURA; este e mais dois ficaram na categoria de substitutos.

Nessa altura, andava eu na árdua tarefa dos estudos anatómicos. Logo tive ocasião de admirar um dos jovens docentes, o Doutor ANTÓNIO CAETANO DE ABREU FREIRE EGAS MONIZ, numa acidental e efemera substituição do nosso sábio e venerando Mestre Doutor BASÍLIO AUGUSTO SOARES DA COSTA FREIRE. Dos outros quatro professores, só nos meus terceiro e quarto anos haveria de ter ocasião de começar a aproveitar-lhes as lições.

\* \* \*

Foi em 1904-1905, durante o impedimento do Doutor ANTÓNIO DE PÁDUA, muito a seu gosto no Governo Civil do Distrito, que eu ouvi o Doutor ELÍSIO DE MOURA, na cátedra de propriedade daquele — a Propedêutica. Esta disciplina, recémcriada

(em Dezembro de 1901), nascera mimosa da sorte: logo fora distribuída a um dos talentos mais encantadores de que a velha Faculdade conserva a memória; e, na ausência deste, viu-se confiada à inteligência médica de mais luminosos fulgores que jamais me foi dado conhecer!

Mas, já antes de entrarmos pela primeira vez na sua aula, os estudantes da Faculdade admiravam aquele moço de olhar de água, de alta cabeleira sobre a ampla fronte, de nítidos dizeres e gesto brusco, ao mesmo tempo tão acessível e tão fugaz, parecendo tão distante e, apesar disso, tão atento. As perguntas inesperadas e as desconcertantes respostas que dele provinham, e que os já seus discípulos transmitiam àqueles que de futuro o haveriam de ser, impressionavam os rapazes, pelos aspectos novos e inesperados que lhes desvendavam. E, num tempo em que os estudantes de Anatomia mal podiam dar uma rápida leitura aos órgãos dos sentidos e lhes pareciam pouco menos do que misteriosos as origens e o destino dos «doze pares», e quando a nossa Faculdade não dera ainda atenção especial à Neurologia, o saber do Doutor ELÍSIO, vasto e profundo também neste campo, tornou-se prontamente reconhecido e respeitado por alunos e por mestres.

\* \* \*

Não tendo ainda enfermaria própria, deu o Doutor ELÍSIO em percorrer as alheias, autorizado pela benevola deferência dos Colegas. E, com grato acatamento destes, muitos diagnósticos foram melhorados pelo perspicaz e agudo senso clínico do novo professor.

O prestígio de quem tão insignes e excepcionais qualidades revelava e que já por todo o país era acatado levou, em 1907, o zeloso administrador dos Hospitais da Universidade de então, o Conselheiro Doutor MANUEL DA COSTA ALEMÃO, decano da Faculdade, à pronta aquiescência ao desejo manifestado de ser entregue a ELÍSIO DE MOURA um salão que se encontrava devotado. Aí foram colectados, provenientes das várias enfermarias, por onde estavam dispersos, doentes relativamente numerosos; e, no ano lectivo de 1907-1908, foi aberto, pela primeira vez

em Coimbra, um Curso livre e gratuito de Neurologia, largamente frequentado.

Nessa altura, MAGALHÃES LEMOS, no Porto, sabia muito de doenças nervosas. EGAS MONIZ, em Lisboa, onde se estabelecera, começava a firmar neste ramo os seus créditos, que tão alto haviam de subir. Mas, salvo erro ou omissão, creio que não seria muito fácil de encontrar pelo país, além dos dois e de ELÍSIO DE MOURA, quem na especialidade de Neurologia não fosse apenas hospede.

E assim foi feita a honrosa e desinteressada criação, por este auto-didacta, do ensino em Coimbra da difícil disciplina...

Manteve-se o Curso como livre até que, pela reforma de 1911, passou a Clínica Neurológica a fazer parte do quadro oficial dos estudos, continuando, como era natural, entregue por acumulação ao mesmo professor, que ficara colocado na cadeira de Patologia Interna, crismada como de 1.<sup>a</sup> Clínica Médica.

Durante o tempo em que as «teses» foram obrigatoriamente exigidas como provas finais de formatura, alguns finalistas, sob a direcção do Mestre, aproveitaram para objecto da sua dissertação casos neurológicos interessantes, entre eles um de «biespasmio facial», raridade estudada com cuidado por uma aluna.

Nesse Curso, na presença dos respectivos exemplares, pôde o Professor fazer lições clínicas sobre os mais variados e interessantes casos, tais como: beri-beri; coreia de SYDENHAM; coreia de HUNTINGTON; vertigem de MENIÈRE; acrocianose; acroparestesia; acromegalia; encefalopatia infantil; hidrocefalia; tumor cerebral; encefalite aguda; polioencefalite; abcesso do cérebro; meningite; hemorragia meníngea; acondroplasia; lipodistrofia progressiva e doença de DERCUM; dupla atetose pura (síndrome de CECILIA VOGT); idiotia amaurótica (TAY-SACHS); neuro-mielite óptica; degenerescência lenticular progressiva (síndrome de WILSON), o primeiro caso observado em Portugal, antes de descrito na literatura médica francesa; trofedema de MEIGE; afasia; neuro-fibromatose (RECKLINGHAUSEN); narcolépsia; cataplexia; tique; tetania; discinésia funcional; hemibalismo; espasmo facial primitivo, uni e bi-lateral; espasmo facial post-paralítico; torticolis espasmódico; paralisia facial periférica; hemiatrofia facial progressiva; paralisia do óculo-motor comum, com outras manifestações de origem sífilítica; nevralgia do trigé-

meo; eritromelalgia; síndrome neuro-anémico; ciatalgia; cenes-topatia; enxaqueca; espondilose rizomélica; meralgia parestésica; síndrome da cauda equina; síndrome talâmico; síndrome quiasmático; síndrome de LITTLE; síndrome de PARINAUD; síndrome de RAYNAUD; síndrome de BABINSKI-FRÖLICH; síndrome de LANDRY; síndrome de GUILLAIN-BARRÉ; síndrome da fenda esfenoidal; seringomielia e seringobolbia; esclerose em placas; esclerose lateral amiotrófica; amiotrofia de CHARCOT-MARIE; mielite aguda; tumor medular; compressão lenta da medula; acidentes mielopáticos do mal de POTT dorso lombar; mal de POTT sub-occipital; sacralização da 5.<sup>a</sup> vertebra lombar; lesões traumáticas meningo-encefálicas e raqui-medulares; cancro vertebral; espinha bífida; doença de FRIEDEREICH e heredo-ataxia cerebelosa; doença de THOMSEN; doença de ADDISON; doença de HEINE-MEDIN; miopatia primitiva progressiva; miosite ossificante progressiva; miastenia bolbo-espinhal (ERB-GOLDFLAM); mioclônias; radiculite; zona e algias post-zonáticas: zona oftálmica, intercostal e lombo-abdominal; polinevrites, e, entre elas, polinevrite leprosa, lepra com máscara pareto-anestésica; paralisia do circunflexo; paralisia do 6.<sup>o</sup> par craneano com reacção meníngea consecutiva a raqui-anestesia; paralisia do ciático-poplíteo externo; paralisia recorrential; paralisia pseudo-bolbar; paralisia bolbar progressiva; tabes associado a hemiplegia orgânica; tumor cerebeloso; astasia-abásia; ilusões dolorosas do coto dos amputados; apraxia; basofobia; epilepsia; hemiplegia alterna; outras paraplegias, hemiplegias e monoplegias orgânicas de várias origens; paralisias e mais, muitas, manifestações pitiáticas, não reconhecidas como tais, e, ao invés, também casos rotulados de histeria e que o não eram; etc., etc.

Assim, pôde também o Doutor ELÍSIO DE MOURA dizer, com justo orgulho, que na primeira visita demorada que fez à Salpêtriére não viu qualquer figura nosológica de doença nervosa que não tivesse alguma vez tido ocasião de observar, com a única excepção de um caso do síndrome de BENEDIKT!...

Não foi maravilha que isso acontecesse. Porque de todos os pontos do país afluíam doentes para serem entregues aos cuidados do Doutor ELÍSIO DE MOURA. Como é bem compreensível, eram sobretudo os casos menos vulgares e de mais dificuldade diagnóstica ou terapêutica aqueles que maior tentação

ofereciam para lhe serem expedidos pelos seus antigos discípulos ou por outros médicos que o conheciam de fama.

E, por isso, quer nos seus quartos particulares dos Hospitais; quer nas suas enfermarias; quer na sua consulta externa, onde os doentes, confiados em que seriam vistos gratuitamente sem necessidade de atestarem a sua pobreza, raras vezes se faziam inscrever nos registos oficiais respectivos; quer em sua casa; quer nos hotéis e pensões da cidade, os exemplares de que o Doutor ELÍSIO dispunha para sua observação e para o seu ensino eram sempre numerosos, da maior variedade e do maior interesse.

\* \* \*

Uma verdadeira campanha, coroada de retumbantes exitos, contra a *Histeria* e as suas aparentosas e enganadoras manifestações foi, desde o principio, levada a efeito por ELÍSIO DE MOURA. E, de todos, foi celebrada, logo no primeiro ano do seu Curso, a cura quase instantânea de um doente havia longos anos internado nos Hospitais como paralítico incurável.

Era um pedreiro, velho de 70 anos, que, após um ano de estadia na própria casa como paraplégico, ingressara nos Hospitais da Universidade, onde no mesmo estado se mantinha havia 12 anos. Na secção dos Lázarus, o Doutor ELÍSIO, numa das suas peregrinações pelos meandros da Casa, o fora encontrar, resignado à sua sorte, e por todos já considerado, por assim dizer, como fazendo parte do Edifício. Contava o homem que a paralisia lhe sobreviera e se instalara lenta e progressivamente, primeiro de um lado, depois do outro. O Doutor ELÍSIO apresentou-o ao exame dos seus alunos, solicitando-lhes o diagnóstico do caso, contra prémio deixado à sua generosidade, que, contudo, veio a ser inteiramente poupada.

Numa primeira lição, discutindo o caso clínico, o professor foi sucessivamente excluindo, uma a uma, todas as hipóteses de lesões orgânicas e do sistema nervoso, central e periférico, capazes de explicar o estado do doente. E, no final, voltado para o Curso, no desejo de descortinar se algum dos seus alunos teria no espírito a hipótese possível de *histeria*, o Mestre formulou a

pergunta: «Será este doente um pitiático?»; e comentava: «bem interessante seria que um paralítico de há mais de 13 anos pudesse ser posto a caminhar em menos de 13 minutos!» Mas, embora alguns dos ouvintes tivessem anteriormente formulado hipóteses várias, de lesões orgânicas, a nenhum deles ocorreu o cabimento duma resposta afirmativa à pergunta acabada de formular: todos eles, silenciosamente, depois de recolhidos os seus papéis de apontamentos, se retiraram da sala...

Na lição seguinte, após uma rápida recapitulação das noções já anteriormente apresentadas, o Doutor ELISIO concluía que devia ser formulada a hipótese de *histeria*, pois que nada havia nas manifestações actuais que brigasse com essa hipótese: havia uma hip-estesia sobreposta ao síndrome paraplégico, sem abolição nem exaltação de reflexos e sem quaisquer outros fenómenos demonstrativos de carácter orgânico de síndrome paralítico, embora houvesse um emagrecimento considerável por hip-alimentação, que fazia lembrar uma amiotrofia difusa. E, acrescentando que a prova decisivamente demonstrativa do carácter nitidamente funcional desta paralisia ia ser apresentada acto contínuo, o Doutor ELISIO abriu uma porta e, da sala vizinha, o ex-paralítico avançou pelo seu pé, para o interior da aula!

Continuou a envelhecer nos Hospitais o bom do homem, que sofria também de uma úlcera do estômago; mas não mais paralítico, antes passeando os ócios que lhe deixava o seu entreten habitual de ingénuos desenhos a cores e de flores de papel, com que enfeitava a cabeceira do leito, de onde nunca consentiu em os «arriar», como ele dizia, apesar das objurgatórias do Fiscal, sempre amansado afinal pela consideração da avançada idade daquele hospede fiel. E, já octogenário, veio a morrer ali de uma gastrorragia, durante uma estadia do Doutor ELISIO DE MOURA no estrangeiro.

As extraordinárias circunstâncias de que esta cura se revestia deram-lhe, justamente, título de sensacional, dentro e fora dos Hospitais. E as mulherzinhas da «Alta», ingénuas em cousas de ciência, pensavam, vagamente intimidadas, que tal êxito, assim conseguido por aquele jovem Mestre de claros olhos brilhantes largamente abertos, de fala breve e geito singular, poderia muito bem ter sido negócio de bruxaria!...

Mas, mais tarde, outras curas, que também extraordinárias pareceram, foram-se multiplicando, feitas pelo mesmo homem generoso e bom, sempre pronto a acolher os humildes. Pensando nelas e no desinteresse tornado proverbial do médico, hoje encanecido, cujos proventos clínicos de há muito caem na sua quase totalidade na Caixa do Asilo da Infância Desvalida, onde mais de duzentas pequenitas representam o acréscimo da escassa duzia que lá havia quando a sua direcção lhe foi entregue, aquelas boas gentes de há quarenta anos, ou as suas filhas, já hoje decerto irão de preferência pensando se as curas que tanto as assombram não serão antes caso de milagre ou resultado de méritos de santidade do autor!...

O último combate dado, quando ainda professor em exercício, pelo Doutor ELÍSIO DE MOURA à *Histeria* foi representado pela «lição de despedida», feita a pedido e perante os discípulos do Curso Médico de que fez parte o ilustre Reitor da Universidade de Coimbra e nosso Colega Doutor MAXIMINO CORREIA.

Essa lição — «Da Histeria ao Pitiatismo e do Pitiatismo a Simulação» — ouvida também pela quase totalidade dos professores da Faculdade e por grande multidão de médicos, estudantes e outros admiradores, que coroaram o seu final com uma ovação apoteótica, teve como sub-título a indicação — «de CHARCOT a BABINSKI». Mas esta designação que modestamente o seu autor lhe apoz teria podido ser substituída com justiça com o dizer-se — «de CHARCOT a ELÍSIO DE MOURA». Porque, em verdade, se foi grande o caminho andado desde o grande CHARCOT até ao seu luminoso discípulo, não foi pequeno nem pouco árduo o caminho andado desde este até ao Mestre da nossa Faculdade que a chegada dos 70 anos vinha aposentar em plena posse das suas excepcionais possibilidades intelectuais e científicas!...

Nessa memorável sessão foi citado, entre outros casos interessantes, mais um, recente, dessas instantâneas curas de manifestações ditas pitiáticas, que consternam, durante anos aparentemente sem fim, as pobres famílias que as aturam, e constituem para estas a parte principal das suas tribulações constantes. Era o de um homem que por cerca de 20 anos exhibira aparentes crises de automatismo motor com simulada inconsciência; o de um pouco estimável sujeito que, por acaso, eu ainda vi, mal ele, de momento

separado dos seus familiares, acabara de prometer que não mais reincidiria no desempenho daquela dramática farça...

Não virão, decerto, a ser perdidos os esforços de ELÍSIO DE MOURA. Pode haver a fundada esperança de que, enquanto e onde houver memória dos ensinamentos do Mestre, que mesmo fora da cátedra os continua e é de esperar os continuará por muitos anos ainda, não só as crises convulsivas de natureza histérica deixarão de ter mais do que algum esporádico e efêmero aparecimento, mas também a maior parte das outras manifestações pitiáticas haverão de ser descobertas e exterminadas!

\* \* \*

Os cuidados da Neurologia não fizeram enfraquecer em ELÍSIO DE MOURA o grande apreço em que sempre teve a Clínica Médica Geral. O seu renome fez que desde o princípio da sua carreira o procurasse grande cópia de doentes de todos os ramos dessa Clínica. E ao Doutor ELÍSIO pertenceu durante sete anos a Cadeira de Patologia Médica ou Interna, sob o crisma de 1.<sup>a</sup> Clínica Médica, com a qual acumulava a regência da Neurologia e depois também a das Psiquiatrias Clínica e Forense.

Mas a verdade é que nunca ELÍSIO DE MOURA viu realizados os seus íntimos desejos preferenciais, de ser professor da disciplina universitária de Clínica Médica (ou 2.<sup>a</sup> Clínica Médica, como por algum tempo foi designada oficialmente). Durante anos, para ela, por mais antigo, teve prioridade um grande professor nosso, o Doutor ADELINO VIEIRA DE CAMPOS DE CARVALHO. Depois da morte deste, não quiz ELÍSIO DE MOURA usar desse direito, que então lhe pertencia, desistindo dele por duas vezes em benefício sucessivo de dois dos seus melhores discípulos, a quem a referida cátedra assim ficou aberta, e, ao que suponho, desconhecida a profunda aspiração do Mestre.

Este procedimento, que ilustra um dos modos de ser, de sacrificio próprio, de ELÍSIO DE MOURA, não terá sido, contudo, ditado apenas pelo propósito de contentar os seus Colegas mais novos, mas também pela preocupação de não desertar da Clínica Neurológica antes de esta a outrém poder ser confiada, e, seguidamente, de garantir à sua Faculdade a regência da disci-

plina da Clínica Psiquiátrica com o efectivo funcionamento de uma instalação suficiente e um afluxo assegurado de doentes do respectivo fôro.

\* \* \*

A assistência clínica psiquiátrica no centro do país foi, com efeito, mais uma das criações de ELÍSIO DE MOURA.

O antigo lente da Faculdade Doutor ANTÓNIO MARIA SENA veio a ser nomeado Director do Hospital do Conde de Ferreira, no Porto; mas ele não manifestara em Coimbra actividade apreciável nesse ramo clínico.

Desde a reforma dos Serviços Médico-legais de 1899, funcionaram em Coimbra os médicos aliénistas do Conselho Médico-Legal respectivo, todos eles professores da Faculdade, embora não de Psiquiatria, pois não havia, antes da reforma do ensino Médico de 1911, essa disciplina no quadro universitário ou no das Escolas Médico-Cirúrgicas. Mas tal actividade forense nada tinha que ver com a assistência clínica.

Em 10 de Fevereiro de 1912, a Faculdade resolveu inaugurar no semestre de verão a Cadeira da Clínica Psiquiátrica, nos termos do § único do artigo 50.º do decreto de 22 de Dezembro de 1911, como facultativo para os alunos do período transitório, e confiar a regência, por acumulação, ao professor de Fisiologia, Doutor ANTÓNIO DE PÁDUA. O professor deu as respectivas aulas em dois dias por semana e conseguiu nesse semestre apresentar aos seus alunos 23 doentes. Mas nem então, nem depois, este distinto Mestre se dedicou ou teve meios de se dedicar à observação seguida e à assistência clínica desses exemplares ou de outros: procurava-os e encontrava-os dispersos por várias enfermarias hospitalares, de onde iam levados para serem presentes nas aulas.

Já nesse tempo, porém, o Doutor ELÍSIO DE MOURA se dedicava activamente ao exercício da Clínica de Doenças Mentais e a ele, por morte do Doutor ANTÓNIO DE PÁDUA, em 19 de Fevereiro de 1914, foi entregue por acumulação a respectiva disciplina do quadro.

Foi em grande parte com doentes mentais da sua numerosa clínica particular, vindos de todas as províncias, mesmo insulares

e ultramarinas, de Portugal, e até do Estrangeiro, sobretudo do Brasil e da Espanha, que o Doutor ELÍSIO DE MOURA, após o falecimento do Doutor ANTÓNIO PÁDUA, assegurou o ensino da Clínica Psiquiátrica em Coimbra. Na falta, que durante muito tempo se manteve, de uma instalação manicomial própria, eram doentes daquela origem internados algumas vezes em quartos de hotel ou de pensões, mas mais frequentemente nos quartos particulares dos Hospitais da Universidade. E também, nas menos precárias condições possíveis, eram nas enfermarias de neurologia destes hospitais internados os alienados pobres, que em quantidade crescente foram afluindo.

Dada aquela completa falta de instalação manicomial apropriada com pessoal auxiliar e vigilante especializado e competente, era sobretudo aos doentes tranquilos e acessíveis à psicoterápia que o Doutor ELÍSIO DE MOURA podia frutuosamente dedicar a acção directa dos seus cuidados. E decerto ninguém no País, e dificilmente alguém fora deste, terá alcançado tantos triunfos e tão justo renome de psicoterapeuta como o Doutor ELÍSIO DE MOURA: como tal, o seu colega e também eminente psiquiatra SOBRAL CID o enalteceu num artigo que a «Gazeta de Coimbra» publicou, em Novembro de 1934, e mui louvado foi pelos prestigiosos professores da Faculdade de Lisboa ANTÓNIO FLORES e BARAONA FERNANDES, quando assistiram e participaram na homenagem que lhe foi prestada em Maio último.

No entanto, desde 1911 que ELÍSIO DE MOURA vinha trabalhando para que à disposição da Faculdade fosse posta uma Clínica Psiquiátrica condigna, tomando parte activa e preponderante nas diligências para a compra dos terrenos, para a elaboração do projecto e para a construção do Manicómio Sena criado pela benemérita legislação do Governo Provisório. Se hoje, ao fim de 36 anos, só imperfeita e muito incompletamente se encontram supridos os seus desejos, poderá dizer-se que, sem o justo prestígio do eminente professor e sem os seus incansáveis esforços, bem maiores seriam ainda as insuficiências de que nos queixamos, nesse particular. E, felizmente, ao abandonar por imposição do limite legal da idade a cátedra de Psiquiatria, para onde transitara da de Neurologia quando um dos pavilhões do Manicómio Sena foi, enfim, posto à disposição dos serviços hospitalares e da Faculdade, o Doutor ELÍSIO DE MOURA deixa assegurada a esta

um afluxo de doentes suficiente para que não só os pavilhões já entregues, mas ainda também os restantes que o hajam de ser, possam povoar-se, garantindo o ensino verdadeiramente proveitoso da especialidade.

No campo das doenças mentais, como nos outros que tem cultivado, rapidamente adquiriu o Doutor ELÍSIO DE MOURA uma alta e merecidíssima fama dentro do País e no Estrangeiro, onde as suas opiniões e os seus conceitos têm sido apreciados condignamente em numerosos congressos de que foi participante, honrando neles, como em toda a parte, o seu próprio nome, o da Faculdade e o de Portugal.

\* \* \*

De entre as obras que falam das benemerências do Doutor ELÍSIO DE MOURA, avulta como eloquente padrão, que a discreção da sua generosidade não pode ocultar como a tantas outras, o Asilo da Infância Desvalida.

Ao Doutor ELÍSIO e a sua extremosa e bondosíssima esposa, Dona Celestina de Araújo Salgado Zenha de Azevedo e Moura, deve esta instituição a prosperidade que adquiriu e que lhe permite recolher e educar mais de dois centos de meninas num meio moralmente são e em condições de conforto que, fora dali, elas não poderiam conseguir.

A ternura do Doutor ELÍSIO DE MOURA pelas crianças e os tesouros de materno affecto da nobre senhora, de tão altos méritos e aprimorados sentimentos, a quem em hora feliz ligara a sua vida, apesar da falta de filhos próprios com que Deus os não favorecera encontraram uma larga aplicação a favor de tão numerosas filhas adoptivas.

Numa assistência assídua e com um cuidado vigilante sempre constante que levaram à construção da sua moradia em terrenos do Asilo, para deste ficar desde logo a raiz e depois a propriedade perfeita da casa levantada, o benemérito casal representou, como hoje, já infelizmente só, o Doutor ELÍSIO representa, a principal fonte de recursos desta grandiosa e enternecedora obra de protecção infantil.

Por esse e por semelhantes procedimentos, pelo seu desapego dos bens materiais, ELÍSIO DE MOURA, de mãos sempre abertas e sempre ao alcance dos humildes, não tem aquela larga fortuna que seria natural e justo que possuísse quem tantos e tão raros méritos intelectuais e científicos reúne. Mas, confinado na modéstia voluntária do seu próprio viver, a consideração de que ela lhe permite melhorar o viver de muitos outros é para o Doutor ELÍSIO DE MOURA suficiente e reconfortante recompensa para os trabalhos e canceiras de que a sua aposentação oficial o não libertou.

E assim se agiganta mais ainda a figura espiritual deste homem tres vezes grande: grande pela inteligência, grande pelo saber, grande pelo coração!...

\* \* \*

Escusou-se tenazmente o Doutor ELÍSIO DE MOURA a ser o director da sua Faculdade quando esta para tal o votou, depois de várias tentativas para esse fim que ele anteriormente conseguira malograr, e o Ministro respectivo insistia no propósito de nomeá-lo. Mas nenhuma dúvida pode haver em que, nessa qualidade também, muito haveria de honrar o cargo e de criar mais um motivo para a gratidão e o apreço dos seus dirigidos.

Com efeito, nas várias regências que sucessiva ou simultaneamente fez, de Propedêutica, Patologia Médica ou 1.<sup>a</sup> Clínica Médica, Neurologia, Pediatria, Psiquiatrias assistencial e forense; na direcção das respectivas enfermarias hospitalares e na dos Laboratórios de Radioscopia, Radiografia e Electrologia; na actividade no Conselho Médico-Legal, de que fez parte por mais de vinte e oito anos (desde 13-2-19), presidindo-o nos últimos doze (desde 2-11-35); na direcção do Asilo da Infância Desvalida; no longo e dedicado exercício clínico particular de mais de quarenta e cinco anos; no seu papel de médico-alienista da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses; em todas as situações e emergências, sempre o Doutor ELÍSIO DE MOURA soube grangear não só os sufrágios de admiração mas também o carinhoso e grato respeito de todos quantos com ele conviveram e estiveram sob a sua benévola e afável autoridade.

Por isso a sua saída para a aposentação foi precedida, acompanhada e seguida das mais efusivas, sinceras e enternecedoras demonstrações do mais elevado apreço de muitos dos seus discípulos, clientes, colaboradores, antigos subordinados e admiradores que não puderam ter participação directa naquelas que o Governo, o Senado Universitário, a Faculdade de Medicina de Coimbra, as outras Faculdades das três Universidades do País, o Conselho Médico-Legal tão merecidamente lhe prestaram. Por isso, também, as listas de subscrição pública para aquisição e oferta das insignias de Grande Oficial da Ordem de Sant-Iago da Espada, com que foi agraciado, em pouco tempo se cobriram de muitos milhares de assinaturas!

\* \* \*

Pena é, grande pena, que ainda não esteja publicada senão uma parte, pequena em extensão embora grande no mérito, da obra grandiosa de tantos anos. E pena é que não seja possível reproduzir em escrito as argumentações brilhantíssimas de ELÍSIO DE MOURA na defesa das próprias teses ou no combate às alheias em «actos grandes», durante os quais as suas qualidades de eloquência, pronta e ágil, tão bem serviam as do seu saber e do seu poder de crítica oportuna.

Os admiradores do Doutor ELÍSIO DE MOURA lamentam que jaza sob o pó dos arquivos, desconhecida para quase todos os que por ela se interessariam, a enorme maioria dos seus relatórios médico-legais sobre assuntos psiquiátricos, e apenas na própria memória do autor e na dos discípulos que as ouviram perdure a lembrança das suas magistrais lições!

Uma modéstia natural não lhe dava incentivo para fazer divulgação escrita dos seus méritos. As relativamente poucas publicações feitas, além dos seus trabalhos para acesso aos graus académicos ou ao professorado universitário, devem-se à iniciativa ou a imposição alheia: da Faculdade de Medicina do Porto, da Ordem dos Médicos, da Universidade de Coimbra, de advogados de causas para as quais o Doutor ELÍSIO emitiu pareceres...

Por raro e infeliz apanágio do Mestre, só lhe é permitida a leitura matinal, antes da ingestão de qualquer alimento, sob pena de pertinaz e intensa cefaleia o ficar apoquentando durante muitas horas.

Decerto por essas duas razões, mas também em grande parte, creio eu, por virtude da extraordinária facilidade de elaboração mental instantânea, de elocução facunda e brilhante e do fácil poder de evocação dos dados uma vez adquiridos, que o dispensam da necessidade, que quase todos temos, de para cada caso fazer pesquisas e tomar notas especiais, o Doutor ELÍSIO DE MOURA é essencialmente um orador sempre preparado, que não quer escrever nem ler as suas lições.

Teria, decerto, ELÍSIO DE MOURA aberto uma das suas poucas excepções de leitura pública para a «Oração de Sapiëntia» que tinha desejo de fazer na sua Universidade. Mas, também aí, ficou a segunda das duas principais aspirações de ELÍSIO DE MOURA sem realização: Na altura em que se julgava que isso seria possível e a Faculdade lho pedia, sobrevieram dolorosos cuidados familiares que impediram o Doutor ELÍSIO de satisfazer os próprios desejos e os nossos. E, com prejuízo geral dos actuais e dos vindouros, foi por mim apagadamente substituído o preclaro Mestre e Decano ilustre da nossa Corporação!...

Além dos seus trabalhos académicos, que o levaram ao ingresso no professorado, merecem especial menção, como também publicados: o seu discurso de homenagem ao Prof. MAGALHÃES LEMOS, do Porto, dado à estampa por iniciativa da respectiva Faculdade de Medicina; «O Primeiro Conselho Geral da Ordem dos Médicos», dizeres seus saídos no Boletim da mesma Ordem quando esta o elegeu para seu primeiro Bastonário e como tal Procurador à Câmara Corporativa; e a magnífica lição, publicada por «Ordem da Universidade», sobre «Anorexia Mental», em cujo tratamento tantos e tão brilhantes êxitos conta o seu autor.

Esta última publicação foi enriquecida com a figuração de bastantes dos muitos casos clínicos respectivos. Porque, felizmente, é muito rico o arquivo iconográfico das clínicas de Neurologia e de Psiquiatria do Doutor ELÍSIO DE MOURA; e muito se ganharia também em que ele fosse publicado.

Mas há muito quem tenha a fundada esperança — e eu a tenho — de que o Doutor ELÍSIO DE MOURA, como homem justo e bom, merecerá de Deus a graça de sempre conservar livre dos ultrages esclerosantes da idade o seu nobre e privilegiado cérebro, e de forma tal que, águia voando alto até final, possa aproveitar os ainda muitos anos que lhe desejamos de vida para facultar a publicação de muitas mais obras suas, que por escrito e não só por tradição hajam de perpetuar o nome respeitado e querido de uma das mais límpidas glórias da Faculdade de Medicina de Coimbra e da sua Universidade.

Assim seja!



## NOTAS BIOGRÁFICAS

ELÍSIO DE AZEVEDO E MOURA, natural de Braga, filho do bacharel formado em Teologia José Alves de Moura, professor do liceu da mesma cidade (fal.) e de Dona Emília da Costa Pereira de Azevedo e Moura, nasceu às 3 horas da manhã de 30 de Agosto de 1877 e foi baptizado, a 6 de Setembro seguinte, na igreja paroquial de S. Victor.

Teve nove irmãos, três do sexo masculino e seis do sexo feminino, sendo, por ordem do nascimento, os mais velhos do que ele: Dona Maria da Conceição; José, bacharel formado em Direito e professor aposentado do Liceu de Braga; Dona Rosa Cândida, falecida; e os mais novos: Júlia, morta pequenina; Dona Laura Emilia; Dona Maria Cândida; Matias, bacharel formado em Teologia e Direito e desembargador aposentado da Relação do Porto; Dona Beatriz; e Agostinho, bacharel formado em Direito, advogado em Braga.

Foi casado, sem descendência, com Dona Celestina de Araujo Salgado Zenha de Azevedo e Moura (n. 29-IV-1881; f. I-XI-1945).

\* \* \*

ELÍSIO DE MOURA, aos oito anos, foi aprovado com distinção nos exames de Instrução Primária Elementar e Complementar. Fez o Curso do Liceu de Braga, com muitas distinções, terminando-o aos catorze anos. Aos quinze, ingressou na Universidade de Coimbra, inscrito, em 15 de Outubro de 1892, como aluno de Matemática e de Filosofia. Coursou simultaneamente disciplinas destas duas Faculdades, nos dois primeiros anos sempre com aprovação *nemine discrepante* e distinção na 1.ª Cadeira de Filosofia; no terceiro ano, foi o único aluno classificado na totalidade

das cadeiras desse ano de Filosofia, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>, em que teve distinção, na classe de ordinário. Obteve o grau de bacharel em Filosofia em 10 de Julho de 1895, após o acto da cadeira de Física 2.<sup>a</sup> parte, e, portanto, aos 17 anos de idade.

Desde o ano lectivo de 1895-1896 até ao de 1899-1900, frequentou a Faculdade de Medicina, obtendo classificações de *accessit* nos três primeiros anos e de *prémio* nos dois últimos.

Após o acto do 4.<sup>o</sup> ano, tomou o gráu de bacharel em 13 de Junho de 1889 e ficou bacharel formado em Medicina aos 22 anos, em 30 de Junho de 1900, vindo a ter a informação final de muito bom.

Fez acto de Licenciatura em 1 de Março de 1901, tendo-lhe sido dado para objecto da dissertação o ponto de «Semiologia dos reflexos»; foi aprovado *nemine discrepante*, sendo-lhe conferido o grau respectivo pelo Vice-Reitor Doutor ANTÓNIO JOSÉ GONÇALVES GUIMARÃES e teve a informação de mérito literário de muito bom.

Fez acto de Conclusões Magnas nos dias 5 e 6 de Fevereiro de 1902, tendo apresentado como *dissertação inaugural* o volume 1 de «A toxidez da urina». Foi admitido e teve a informação de mérito literário de muito bom. Foi-lhe conferido solenemente o gráu de doutor em 27 de Abril de 1902, sendo Reitor o Doutor MANUEL PEREIRA DIAS, decano o Doutor MANUEL DA COSTA ALEMÃO, oradores os Doutores JOÃO SERRAS E SILVA e ANTÓNIO DE PÁDUA, e apresentante o digno Presidente da Câmara dos Pares do Reino e antigo Presidente da Câmara dos Deputados José Maria Rodrigues de Carvalho, velho e dedicado amigo de seu Pai.

\* \* \*

O Doutor ELISIO DE AZEVEDO E MOURA prestou provas de concurso público para professor da Faculdade de Medicina nos dias 10, 17, 24 e 27 de Novembro de 1902: defendeu no primeiro desses dias a sua dissertação subordinada ao título de «A toxidez da urina»—II volume; fez no segundo a sua lição livre sobre «A linguagem articulada e a linguagem escrita. Afasias»; disse no terceiro a sua lição sorteada, com o ponto «Origem da força muscular»; e sujeitou-se no quarto às provas práticas. Após esta sessão final, em 27 de Novembro de 1902, foi aprovado por unanimidade e qualificado de muito bom.

Teve o primeiro despacho para o professorado, como substituto, por decreto de 4 de Dezembro de 1902, com visto do Tribunal de Contas no mesmo dia, e publicação no «Diário do Governo» n.º 276, do dia seguinte. Veio a ter despacho como catedrático em 29 de Novembro de 1910, publicado no «Diário do Governo» n.º 53, de 7 de Dezembro do mesmo ano, e com posse no dia 27 de Janeiro de 1911, por procuração passada ao Professor Doutor José Alberto dos Reis.

\* \* \*

O Professor ELÍSIO DE MOURA teve a sua estreia regendo como substituto a Cadeira de Patologia Interna em 1902-1903, no impedimento do catedrático respectivo, Doutor JOSÉ DE MATOS SOBRAL CID. Em 1904-1905, começou a reger a Cadeira de Propedêutica Médica. Em Janeiro de 1911, ficou com a cátedra da 1.ª Clínica Médica, novo nome dado à, anteriormente, disciplina de Patologia Interna, e com a acumulação da regência da Clínica Neurológica, de nova criação oficial, em continuação do Curso livre de Neurologia que já regia desde 1907-1908. Por falecimento do Doutor ANTÓNIO DE PÁDUA, em 19 de Fevereiro de 1914, o Professor ELÍSIO DE MOURA foi encarregado da acumulação da Cadeira de Clínica Psiquiátrica, e, a partir de 1918-1919, também da do Curso de Psiquiatria Forense, cujas regências não mais abandonou.

Quando da reforma de 1918, ELÍSIO DE MOURA deixou a propriedade da 1.ª Clínica Médica, transformada em Patologia e Terapêutica médicas, e fixou-se como catedrático da Clínica Neurológica. Durante alguns anos acumulou também a regência da disciplina de Pediatria, além da de Psiquiatria Forense e da de Clínica Psiquiátrica. Para esta última passou como catedrático por portaria de 25 de Novembro de 1942, publicada no «Diário do Governo» da II série, n.º 12, de 15 de Janeiro de 1943, tomando posse em 23 do mesmo mês, abrindo então vaga na Cadeira de Clínica Neurológica, que regera durante 34 anos.

Foi, pois, atingido pelo limite de idade, de 70 anos, como catedrático da Clínica Psiquiátrica e regente do Curso de Psiquiatria Forense, passando à inactividade permanente, aguardando

aposentação, a partir de 30 de Agosto de 1947, conforme portaria de 18 de Setembro seguinte, publicada no «Diário do Governo» da II série, n.º 228, de 30 do mesmo mês.

\* \* \*

O Doutor ELÍSIO DE MOURA representou a Faculdade, a Universidade ou o País em numerosos congressos estrangeiros. Nomeadamente, os de Medicina Geral de Londres e de Budapeste; e os seguintes de Neurologia e Psiquiatria: de Paris, de Bordeus, de Lille, de Limoges, de Antuérpia, de Gand, de Liège, de Bruxellas, de Basileia, de Neufchâtel, de Lausana, de Genebra, de Genebra e Lausana, de Berna e Zurique, de Casa Branca, de Barcelona.

É sócio de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras; entre elas: Instituto de Coimbra; *Deutsch Gessellschaft für Gerichtliche Soziale Medizin und Kriminalistik*, *Académie Internationale pour le Progrés des Sciences Médicales*, *Association des Médecins Alienistes et Neurologistes de France et des Pays de Langue Française*; *Société Médico-psychologique de Paris*; *Société de Médecine Mentale de Belgique*, de que é sócio honorário; *Union Médicale Latine*, antiga *Union Médicale Franco-Ibero-Americaine (Umfia)*, sendo, desta última, membro da Comissão de honra.

Os alunos finalistas do Curso médico, em 17 de Maio de 1947, promoveram uma sessão de homenagem ao Professor Doutor ELÍSIO DE MOURA, presidida pelo Reitor da Universidade, e à qual assistiram também, entre os muitos admiradores do homenageado que conseguiram aviso desta sessão planeada e levada a efeito num curto prazo de 24 horas, o Director da Faculdade de Medicina de Lisboa e professor de Neurologia Doutor ANTÓNIO FLORES e o professor de Psiquiatria da mesma Faculdade Doutor BARAONA FERNANDES, o primeiro representando os neurologistas e o segundo os psiquiatras da Capital. O Reitor e estes outros dois Mestres falaram, depois do finalista Armando António Machado Simões de Carvalho e antes do Director do Instituto de

Medicina Legal e Vice-Presidente do respectivo Conselho, FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO, enaltecendo todos eles o Doutor ELÍSIO DE MOURA e a sua acção como homem, como médico e como professor.

Por decreto da mesma data, de 17 de Maio, publicado no *Diário do Governo*, da II série, n.º 129, de 5 de Junho seguinte, foi o Doutor ELÍSIO DE MOURA condecorado com o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de São Tiago da Espada, de Mérito Científico, Literário e Artístico. Aberta a subscrição pública para compra e oferta, ao condecorado, das respectivas insignias, com a verba fixa de um escudo por pessoa, rapidamente subiram a cerca de doze milhares os nomes de pessoas inscritas.

No mesmo dia, 17 de Maio, realizou-se um almoço de homenagem oferecido ao Doutor ELÍSIO DE MOURA pelos catedráticos da sua Faculdade.

A insistente pedido do ilustre Mestre, desistiram os Doutores de Capelo da Faculdade sem assento no Conselho desta de levar a efeito um outro banquete de homenagem, para lhe evitar maior repetição de abalos emotivos.

Em 28 de Junho de 1947, então pelo Curso dos antigos discípulos formados no ano de 1917, foi-lhe prestada nova homenagem pela ocasião da sua última lição — «Da Histeria ao Pitiatismo» — feita a pedido deles, com assistência também de muitos outros antigos discípulos, médicos e estudantes.

O Senado Universitário de Coimbra, na sua última sessão anterior ao atingimento do limite de idade pelo Doutor ELÍSIO DE MOURA, deixou lavrado na acta o seu voto de homenagem; e resolveu ir cumprimentá-lo a casa. Semelhantemente procederam os seus Colegas da Faculdade, todos eles discípulos seus, no dia da Congregação final, em 30 de Julho de 1947.

O Director dos Hospitais, Professor Doutor JOÃO MARIA PORTO, secundado pela Faculdade de Medicina, pediu superiormente autorização, que foi concedida por despacho de 5 de Agosto de 1947, para incluir no orçamento uma verba destinada a mandar



lavrar no mármore um busto do Doutor ELÍSIO DE MOURA, de que foi encarregado o ilustre escultor Francisco Franco, e que será colocado no Pavilhão n.º 5 do Manicómio Sena, pavilhão que fica tendo o nome deste Professor, também por despacho governamental.

Na sessão de 16 de Agosto de 1947, última da Presidência do Doutor ELÍSIO DE MOURA, o Conselho Médico-Legal de Coimbra, com a assistência e colaboração de todo o pessoal do Instituto de Medicina Legal respectivo, por fala do futuro presidente, o director do Instituto, prestou homenagem ao seu presidente cessante, resolvendo todos os presentes acompanhá-lo até casa. Em sessão do mesmo Conselho de 1 de Setembro de 1947 resolveu-se pedir superiormente autorização para colocar na Sala das Sessões um retrato do Doutor ELÍSIO DE MOURA, oferecido pelo mesmo Conselho e pelo pessoal do Instituto; o que foi deferido pelo Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Justiça, em despacho de 27 de Setembro.

Também os médicos e o pessoal de enfermagem do Manicómio Sena conseguiram autorização para inaugurar na Sala das Consultas um retrato do Professor ELÍSIO DE MOURA, por eles oferecido.

Encontram-se publicados, entre outros, os seguintes trabalhos de ELÍSIO DE MOURA :

— *Estudo crítico e experimental sobre o fósforo urinário*. Coimbra Médica, 1910.

— *Theses de Medicina teórica e prática que se propõe defender na Universidade de Coimbra, nos dias 5 e 6 de Fevereiro de 1902 para obter o grau de doutor ELYSIO DE AZEVEDO E MOURA* — Coimbra, 1902.

— *A Toxidez da Urina. Dissertação inaugural para o acto de Conclusões Magnas na Faculdade de Medicina* — Vol. I — Coimbra, 1902.

— *A Toxidez da Urina. Dissertação de Concurso* — Vol. II — Coimbra, 1902.

— *Discurso*, in «*Homenagem ao Prof. MAGALHÃES LEMOS, prestada na Faculdade de Medicina do Porto, em 24 de Junho de 1925* — Porto, 1927.

— *O Primeiro Conselho Geral da Ordem dos Médicos* — Lisboa, 1940. — Separata do Boletim da Ordem dos Médicos. Ano I. Fasc. I. 1940.

— *Parecer médico-legal sobre os resultados do exame mental feito a J. E. F. B.*, in *Petição e réplica dos advogados José Soares da Cunha e Costa e Elmano de Moraes da Cunha e Costa. — Demente que aos 77 anos testou... sem dar por isso, e que aos 79 casou... também sem dar por isso.*

*Anorexia Mental*. Publicação por ordem da Universidade. Coimbra, 1947.

*Parecer médico-legal sobre os resultados do exame mental feito a D.<sup>a</sup> R. J. H.*, in *Minuta de apelação para a Relação de Coimbra, do advogado Silvério Lobo*. — Coimbra, 1947.

Em via de publicação, por ordem da Universidade:

— *Da Histeria ao Pitiatismo. Do Pitiatismo à Simulação.*

NOTA — Chegou a estar composta em 1901, para o «Movimento Médico» a primeira folha da dissertação para o acto de Licenciatura—*Semiologia dos Reflexos*; mas não chegou a fazer-se a respectiva publicação, por se ter resolvido fazê-lo de preferência como monografia e, afinal, o autor nunca ter chegado a efectivar esta resolução.

F. A. R.



## Aditamento

Reparando um lamentável lapso de redacção cometido atrás, na referência à sessão de homenagem prestada ao Professor Doutor ELÍSIO DE MOURA em 17 de Maio de 1947, se consigna, com o meu pedido de desculpa por essa inadvertência, que o elogio do homenageado foi, então, também feito pelo ilustre Director da Faculdade de Medicina de Coimbra, Professor Doutor ÁLVARO FERNANDO DE NOVAIS E SOUSA, que dedicadamente cooperou com os alunos finalistas na apressada preparação da dita homenagem.

Na referência aos novos docentes entrados na Faculdade de Medicina em 1902, faltou a menção dos nomes de três deles, meus saudosos e também notáveis Mestres, os Doutores ÂNGELO RODRIGUES DA FONSECA, JOSÉ DE MATOS SOBRAL CID e LUÍS DOS SANTOS VIEGAS.

Por hábito da tipografia ou do tipógrafo, a que desta vez me esqueci de fazer a costumada oposição, figuram a maior parte dos nomes próprios em versaletes. Só tarde reparei em que o sistema foi aplicado apenas aos nomes de médicos e a poucos mais, decerto julgados também como possíveis autores de obras médicas, e não a outros, como os das pessoas da distinta família do Doutor ELÍSIO DE MOURA, incluindo a própria sua virtuosa esposa Dona CELESTINA DE ARAÚJO SALGADO ZENHA DE AZEVEDO E MOURA, a cuja memória foi dedicado este escrito, os de pessoas da elevada categoria social dos dignos anterior Presidente da Assembleia Nacional Professor Doutor JOSÉ ALBERTO DOS REIS e antigo Presidente da Câmara dos Pares JOSÉ MARIA RODRIGUES DE

CARVALHO, o do inteligente finalista de Medicina ANTÓNIO MACHADO SIMÕES DE CARVALHO, o do grande escultor FRANCISCO FRANCO e o do delicado poeta DUARTE LIMA, meu querido companheiro de infância de tão saudosa memória, cujo *ex-libris* invoquei.

Lamento não ter a tempo reparado no facto, para promover o uso de um tipo igual para todos os nomes próprios, em termos de evitar que alguém que não conhecesse a orientação do tipógrafo pudesse eventualmente supor que o autor se considerava e aos médicos como de uma casta privilegiada, digna, só ela, de menção de maior relevo.

*Fernando de Almeida Ribeiro.*





RÓ  
MU  
LO



\*1329682780\*

CENTRO CIÊNCIAS  
UNIVERSIDADE COIMBRA

